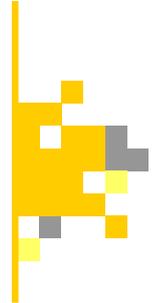


ENTREVISTA

Ivan Esperança Rocha (Doutor em História Social, Professor, Universidade Estadual Paulista)



Sobre o entrevistado

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, em 1990 e defendeu a livre docência em 2013.

Atualmente é Professor Doutor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Publicou 10 artigos em periódicos especializados e 45 trabalhos em anais de eventos.

ORCID: 0000-0001-5854-296X

Lattes: 3464816312155216

E-mail: ivan.rocha@unesp.br

1. A guerra de narrativas, a guerra de propaganda é um componente indissociável da História das guerras. Assemelha-se ao dramático universo shakespeariano em que o cinismo, a hipocrisia, as dores, as tramas, as intrigas, a maldade humana, quem começou, quem sofreu mais e outros aspectos desfilam aos nossos olhos incrédulos. Israel leva vantagem nessa Guerra em relação aos Ocidentais?

Ivan Esperança Rocha – A guerra de narrativas é reforçada à medida que não se tem acesso direto aos fatos. A guerra de narrativas e de propaganda é, sim, um fator muito presente na história das guerras. Israel vivenciou essa realidade inclusive no seu confronto com os romanos, no século I, narrado por Flávio Josefo, em que as narrativas do poderoso império romano se dissociavam da narrativa pelo menos de um grupo disposto a defender a causa judaica. O resultado material desse tipo de guerra nem sempre é favorável aos dois lados do confronto, mas quem é submetido orgulha-se de ter demonstrado força moral, como foi o caso do grupo liderado por Eleazar no último reduto contra os romanos, em Massada.

2. Porque o ocidente não se sensibiliza com a situação Palestina da mesma forma com que se sensibilizou com os ataques do Hamas no dia 7 de outubro?

IER – A mídia exerce uma forte influência na opinião pública sobre fatos políticos, econômicos e sociais. Se a atenção mundial estava focada na guerra entre Rússia e Ucrânia até 7 de outubro, ela

foi desviada bruscamente para a questão palestina, bombardeada por informações em todos os meios de comunicação, mas principalmente na televisão e nas redes sociais. As redes sociais viabilizaram também uma comunicação direta com os envolvidos no grave e inusitado episódio do sul de Israel e no retaliação na Faixa de Gaza que fez aflorar diferentes posicionamentos ao redor do mundo, mas principalmente onde há uma maior presença de judeus e palestinos.

3. Outro aspecto importante na conjuntura atual é o posicionamento das grandes potências? Como você avalia o envolvimento norte-americano? E a China? E a Rússia? França? Alemanha?

IER – Aqui se destaca a forte ligação de Israel com os EUA marcada anteriormente pela Guerra Fria e atualmente pela difícil relação com o Irã e outros países do Oriente Médio. O posicionamento europeu também caminha nessa direção, fortalecido pelas consequências da invasão da Rússia pela Ucrânia, destacando-se o papel da Alemanha em sua dívida aos judeus na esteira do holocausto. À medida que se ampliou a desproporcionalidade crescente nos atos de guerra por parte de Israel, as relações diplomáticas começaram a ganhar novos contornos, buscando objetivar o resgate dos reféns e defender um rápido cessar-fogo diante dos imensos problemas criados para civis na Faixa de Gaza, principalmente mulheres e crianças. Cabe ainda avaliar os interesses da Rússia e China em suas propostas de mediar o conflito.

4. A forma enérgica com que Israel está agredindo a Faixa de Gaza pode acender algum tipo de antissemitismo?

IER – A violência, qualquer seja sua origem e justificativas, têm estimulado o surgimento de muitas manifestações desde o 7 de outubro.

Inicialmente em apoio a Israel e ao seu direito de resposta aos crimes do Hamas, mas com o início do bombardeamento atingindo números inusitados de vítimas e com o fechamento da entrada para a ajuda internacional estas manifestações ganham novas conotações. Se por um lado o antissemitismo foi reavivado, deve-se dizer que grupos de judeus também se manifestaram contrários à tipo política adotada por Israel no combate ao Hamas, que causaram milhares de mortes de civis, contrariando as normas da Guerra e Direito Internacional Humanitário.

5. Como você analisa a conjuntura global que, de um lado, vemos o ocidente acusar a Rússia – uma potência – em guerra com um país mais fraco – Ucrânia – e, ao mesmo tempo, coloca-se ao lado de outra potência – Israel – que cerca um povo que ao mesmo tem um Estado. Essa situação pode levar a falência definitiva da ONU?

IER – A ONU e seu Conselho de Segurança da ONU se viram na mediação de um conflito de proporções bem pouco semelhantes ao que ocorrera no mesmo tipo de conflito em 2014, que tinha provocado a morte de 2.251 palestinos, sendo 1462 civis e de 67 soldados e seis civis israelenses¹. As reiteradas propostas apresentadas nesses fóruns não obtiveram êxito a tempo de evitar as desastrosas consequências humanitárias provocadas pelos bombardeios que atingiram um número muito superior de vítimas em relação ao que ocorrera em 2014. As regras atuais do Conselho de Segurança impossibilitaram que a opinião da maioria dos membros fosse ouvida, dado que se impôs o poder de veto de uma minoria de países permanentes, dentre os quais a Rússia que não obstante estar em guerra com a Ucrânia defendeu um cessar-fogo no conflito entre Israel e o Hamas. A morosidade na costura de uma libertação dos reféns é uma das principais razões desse impasse.

6. Em sua opinião, a proteção Ocidental direcionada à Israel é fruto das feridas da Segunda Guerra Mundial ou uma forma de conter o crescimento dos países árabes, da Turquia e do Irã?

IER – Ver resposta à questão 3.

7. Como avaliar a participação dos atores regionais neste conflito? Irã? Arábia Saudita, Egito e Qatar?

IER – A criação do Estado de Israel em 1948, em seguida à resolução da ONU de 1947 que propôs o Plano de Partilha da Palestina entre judeus e palestinos, não contou com apoio das nações árabes da região, iniciando-se o longo confronto com seu último episódio perpetrado pelos Hamas. A primeira guerra árabe-israelense durou de 1948 a 1949, com a derrota da coalização árabe; seguiram-se, entre outras, a Guerra de Suez, em 1956, a Guerra dos Seis Dias, em 1967, a Guerra de Yom Kippur, em 1973 e vários outros conflitos de menor monta. A consequência mais evidente destes conflitos foi a mudança na configuração dos territórios definidos inicialmente para judeus e palestinos com inúmeras e amplas faixas de terra anexadas por Israel somadas a um crescente movimento de assentamentos nestas áreas que alimentam e reacendem os conflitos entre as partes.

Os países árabes que se envolveram nos conflitos mantêm diferentes posturas no confronto de Israel. Muitos acordos foram selados e outros continuam a ser trabalhados, modificando o palco das tensões. Acordos diretos ou mediados foram sendo construídos culminando nos acordos de Abraão que geraram uma aproximação entre Israel e países árabes como os Emirados Árabes, Bharein, mas também com países africanos como Marrocos e Sudão e estava atualmente a caminho de incluir a Arábia Saudita, um processo suspenso pelo atual conflito, que muitos avaliam como uma de suas causas, mas isolando o Irã. A aproximação com estes países está permitindo a construção de um acordo de pacificação.

8. Por que o conflito entre Israel e Palestina está longe de um desfecho positivo?

IER – O sistema político israelense e palestino é complexo e permeado por posicionamentos recíprocos. A proposta mais promissora é pavimentar uma via de retomada da projeto originalmente apresentado pela ONU: a criação de dois estados soberanos e democráticos que garantam uma convivência pacífica e proativa entre israelenses e palestinos do ponto de vista econômico, tecnológico e social. Os acordos entre Israel, palestinos e países árabes devem subsidiar este processo. Só assim, os financiamentos bélicos oferecidos aos palestinos poderão e deverão ser substituídos por um programa sólido de seu desenvolvimento. O arrefecimento dos ânimos poderão também mudar profundamente a densidade da atividade e financiamento militar em Israel, o que pode gerar recursos robustos a serem aplicados não apenas no desenvolvimento interno, mas regional, criando possibilidades concretas e visíveis de uma convivência pacífica israelo-palestina.

Notas

¹SANZ, Juan Carlos. ONU vê indícios de possíveis crimes de guerra de Israel e do Hamas em Gaza. El País, 22 junho 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/22/internacional/1434973961_832746.html. Acesso em: 21 nov. 2023.

Entrevistadores:

José Renato Ferraz da Silveira e
George Leonardo Seabra Coelho